



# PERFIL

## **Prof.<sup>a</sup> Carla Freitas - Como foi a escolha da arquitetura na sua vida?**

MS Ayrton - Bem, isso remota lá aos seis anos, em torno de cinco ou seis anos de idade. Morava numa casa e ao lado esquerdo (tinha um terreno vazio). Meu pai contratou um senhor chamado André Fernandes para construir a nossa casa ali. E eu com esta idade tinha este cenário da construção, um cenário todo movimentado, operários carregando sacos de cimento, e abrindo valas, e subindo em andaimes, etc. Achei aquilo muito interessante e acompanhava diariamente esse andamento da construção, e sabia até o nome das pessoas que trabalhavam ali. Eles, no trabalho, iam conversando e eu aprendi o nome de cada um ali, olhando de cá, do lado de cá do muro! E num dado momento, vinha um cidadão, um senhor, o André Fernandes, entrava no canteiro de obras e ficava ali uma meia hora, gesticulava e os operários chegavam próximo dele e ele faziam gestos e tal, e daí meia hora ia embora. Abria a porta do canteiro e ia para a cidade.

E num belo dia, presenciei meu pai falando com um parente de quem estava

ENTREVISTA MS AYRTON | ARQUITETO E URBANISTA

Carla Freitas

construindo a casa dele era o senhor. André Fernandes. E eu pensei: não, não é o André Fernandes, porque ele entra lá, fica um tempo e sai, não carrega um saco de cimento ali, não abre uma vala nem nada, quem constrói lá é fulano, fulano e fulano. Então meu pai me chamou e disse: olha a gente diz que o senhor André Fernandes é quem está fazendo a casa porque o projeto é dele, ele que desenhou a casa, ele que criou a casa, ele que sabe dirigir o que vai ser a futura casa. Os operários executam, mas o mentor de tudo isso, é ele, o Sr. André. Então, eu ainda criança conclui que para fazer aquilo que eu estava gostando de ver, aquele movimento todo da construção, e ver evoluindo e tudo... Eu conclui que trabalhar com a cabeça, pensar, era melhor do que estar carregando saco de cimento e tal.

Bom, a partir daí eu comecei a fazer modelos de residência, de prediozinhos, naquela época os prédios eram poucos na minha cidade, eu sou de Uberaba, Minas. E isso era 1940, 41 e existiam poucos prédios, mas faziam se casas... Foi essa a razão da minha vocação para a arquitetura.

**Prof.ª Carla Freitas - Como foi o processo para ingressar na faculdade?**

MS Ayrton - Eu tentei primeiro (vestibular) em Belo Horizonte, sai de Uberaba,

pois não havia Faculdade de Arquitetura lá naquela época. Então, em 55 eu me transferi para Belo Horizonte para cursar o terceiro ano do segundo grau e dar sequência ali na arquitetura. E lá chegando eu fui completar o terceiro ano no Colégio Anchieta e trabalhava como "Office boy" no Consulado de Portugal, era um menino que ia ao correio buscar correspondência para o Consulado e ficava ali... Belo Horizonte não oferecia espaço para o interessado em arquitetura estagiar ou trabalhar na área. Então fiquei ali fiz o terceiro ano e ano seguinte prestei o vestibular de arquitetura na UFMG. E não fui aprovado. Não fui aprovado e fiquei mais um ano e tentei novamente, isso foi janeiro de 56. Em 57 prestei novamente o vestibular, não fui aprovado... Na época eram trinta vagas, os candidatos eram em grande número e era só uma vez por ano o vestibular. Então eu pensei, não vou ficar aqui em Belo Horizonte. Eu vou procurar um centro maior, porque aqui eu fico só trabalhando no Consulado de Portugal e não vejo nada de arquitetura e não entro em contato com a vida nas construções. Então, fui para São Paulo, e comecei a trabalhar em empresa porque lá havia mais oportunidade de escolha dos trabalhos. Fui trabalhar em construtoras, na parte de estruturas metálicas e aí também me envolvi e perdi mais dois vestibulares em São Paulo.

Mas em São Paulo já comecei a procurar a parte de desenho, de desenho técnico. Comecei a trabalhar e me envolvi mais com essa parte e o estudo ficou meio em segundo plano, mas sempre com a vontade de fazer arquitetura... E em 60 eu entrei no Mackenzie e aí como eu tinha perdido esses anos nessa tentativa de mudar de Belo Horizonte para São Paulo para procurar trabalhar e me informar sobre arquitetura, quando eu entrei, entrei com vontade de levar a sério o curso. Entrei com um pouco mais de idade, porque perdi 3 ou 4 vestibulares. Então eu levei a sério o curso, assistia a todas as aulas... E daí um conselho... Eu hoje olho para trás não noto que tenha perdido nada com estes quatro anos, de 56 a 60. Fiz o curso todo, terminei em dezembro de 64, e em janeiro 65 eu já estava em Brasília a procura de trabalho. E enquanto eu estudava no Mackenzie tive a oportunidade de fazer estágios em escritórios de ex-mackenzistas e que disponibilizavam o escritório para trabalhos, tinha uma pequena remuneração. E exigia-se muito e isso eu achava bom porque tinha a oportunidade de aprender cada vez mais. Depois quando eu vim para Brasília a procura de trabalho estes estágios me valerem muito, porque quando eu fiz a entrevista com o Milton Ramos, ele indagou: você já estagiou em São Paulo em algum escritório? E eu digo,

estagiei. Ele então respondeu: você fica aí durante um período pra gente ver o seu trabalho. Eu fiquei ali uns quinze dias e depois, já em Brasília, na obra do Palácio do Itamaraty. Um grande canteiro! O desenvolvimento do projeto do Palácio do Itamaraty é do Milton Ramos (do escritório dele). O Niemeyer fez o anteprojeto, os estudos e tal, mas quem realmente detalhou o projeto do Itamaraty foi Milton Ramos.

### **Prof.<sup>a</sup> Carla Freitas - O escritório do Milton Ramos funcionava na Vila Planalto, na vila dos engenheiros?**

MS Ayrton - Não, não o Milton Ramos residia na Vila Planalto, mas o escritório era dentro do canteiro de obras do Itamaraty, e tudo era tratado ali. Deslocava-se do escritório até a obra que era próxima e íamos vendo desde o início, fundações, a execução... Ali (no Palácio do Itamaraty) tem estruturas de concreto convencional ousadas, são vãos de 36 metros que hoje só se faz isso com (concreto) protendido. Lá foi feito com concreto convencional. Então foi uma experiência boa, mesmo a convivência com o, Milton que hoje já é falecido...com a convivência com ele eu aprendi muito. Ele era um arquiteto de dentro do canteiro, ele dava o detalhe e ia lá executava, mandava executar, via, conferia, corrigia e tal. Era bem preocupa-

do com esses detalhes da execução. Outro (arquiteto) modelo para mim também foi o Lelé, eu entendia que o Lelé seguia um caminho assim como o do Milton, do arquiteto se colocar além do projeto, ele se colocar junto à obra, isso é importante! Acho que o arquiteto vale por 1,8, ele é quase dois profissionais quando ele lida com essas duas áreas; de projeto e obra. Porque senão ficar só em projeto fica meio... é ... susceptível de se perder o controle do que foi projetado.

### **Prof.<sup>a</sup> Carla Freitas - Como foi a sua permanência em Brasília?**

MS Ayrton - A experiência de 4 anos e meio lá no Itamaraty, a obra terminou e eu achei melhor procurar o meu espaço. Então fui procurar uma empresa que estava iniciando o processo de pré-moldados aqui em Brasília que era a Construtora Rabelo. Tinham feito um primeiro protótipo que era o chamando R2, os blocos R2 em pré-moldados. Fazia-se a primeira laje, o teto do térreo em concreto convencional e daí vinham as máquinas fazer a montagem dos painéis em três pavimentos, caixa d'água, caixa de escada, reservatório de água, e tal. E então eu me interessei por essa área e procurei um dos arquitetos que trabalhavam lá, que era o Rubens Borriolano. Ele era mais da parte administrativa, e eu falei olha quando você tiver

uma oportunidade aí nesta área eu tinha vontade de entrar para conhecer. E por sinal era um projeto do Milton, mas não teve influência da presença do Milton aí. E eu fui a procura desse Rubens, e ele falou olha para o futuro nós vamos necessitar. E um dado 1º de abril ele me liga às 7 da manhã e diz: olha você tem a oportunidade aqui, a Rabelo está necessitando de arquitetos para tocar essa obra do Milton, e você trabalhou com o Milton, quer fazer? Quer pegar esse trabalho e vir trabalhar conosco? Eu respondi: isso pra mim é 1º de abril, você está me ligando às 7 da manhã... E ele disse: não, é verdade... E aí eu fui e fiquei lá mais uns quatro anos e meio, cinco anos e fiz 49 blocos de apartamentos pré-moldados. Eu dirigia o canteiro, era pré-moldado então não tinha outra influência, Milton tinha passado já os projetos para aplicação e eu atuava no canteiro, já chegando os painéis, montava e dava o acabamento.

### **Prof.<sup>a</sup> Carla Freitas - Então ali tinha uma sequência, uma série de atividades e certa padronização?**

MS Ayrton - Ah, sim. Tinha uma padronização. Tínhamos um prédio iniciando e tínhamos outro a meio caminho e outro já em acabamento e tal. Tocávamos cinco, seis prédios ao mesmo tempo em diferentes fases, e várias equipes.

**Prof.<sup>a</sup> Carla Freitas - Como se deu o processo de fundação do seu próprio escritório?**

MS Ayrton - Na fase de término dos 49 blocos da Rabelo, eu fui convidado pela direção da Rabelo para ir para a Argélia, onde havia lá em Argel a construção de uns blocos pré-moldados, projeto do Niemeyer e ofereciam certas vantagens... Mas nesta altura eu tinha quatro filhos. E isso (ir para Argélia) não posso! Ah, mas você vai para a Argélia leva a família, nós pagamos tudo. Eu disse, não! Eu não quero. E isso foi uma decisão acertada que eu acho que eu fiz. Porque se eu tivesse ido, eu teria ficado preso ainda a Construtora e a esse esquema de trabalho. Eu pensei, eu vou "causar" minha independência agora, eles querem me levar pra Argélia e eu não quero ir, porque eu não vou levar minha família para um país diferente. Então eu vou ficar aqui em Brasília mesmo. E fiquei! Montei um escritório e me lembro de que relatei vinte pessoas, vinte homens de ouro que poderiam me dar alguma encomenda de projeto, né. Uns contatos que eu tinha, e tal. E daí, a Rabelo voltou a me procurar para fechar um conjunto de cinco blocos na 403. Fiz um contrato à parte com eles e fui tocar meu escritório de projetos. Nessa época, para manter a família ainda dava aulas a

noite de geometria descritiva na Fundação Educacional, no Colégio Setor Leste, para poder ter uma receita certa. Porque essa questão de projeto é muito sazonal, daí me mantive lá um certo período e outro trabalhando no escritório.

**Prof.<sup>a</sup> Carla Freitas - Como foi criado o nome MS Desenho?**

MS Ayrton - O MS Ayrton arquiteto é independente da MS desenhos. O MS do Ayrton não é o mesmo d MS desenhos. Eu, ali no trabalho, percebi que as pessoas para fazer trabalhos de projeto de arquitetura, trabalharem em escritório, ou elas tinham que se dedicar a trabalhar ao lado de alguém que se dispusesse a ensinar, ou elas tinham que fazer uma faculdade de arquitetura. Não havia outra opção! Ou aprender ao lado de alguém que queira e saiba ensinar ou fazer uma faculdade de arquitetura. Então eu digo não isso não está bem! Melhor eu organizar um curso de desenho técnico arquitetônico, e por módulos. Daí eu criei essa questão dos módulos para que fossem autossuficientes, quer dizer a pessoa chega e pega o módulo e vai executar aquele trabalho e um instrutor vai orientar. Mas o estudante toma a iniciativa de ir fazendo os diferentes exercícios. E eu passei a fazer isso dentro do próprio escritório, quer dizer as minhas pranchetas. Eu utilizava num



determinado horário para aquelas pessoas que tivessem interesse de desenvolver o desenho arquitetônico por módulos. Pois bem, aí foi, e comecei a fazer isto. Depois veio a UnB. Eu tenho quatro filhos e o primeiro decidiu fazer arquitetura e fez o concurso e entrou, prestou o vestibular. A minha outra filha, a Beatriz, que hoje é professora aqui na Católica, foi se inscrever e veio com a notícia de que a UnB estava exigindo uma prova de habilidade em desenho antes de entrar no vestibular. Ah, eu digo, traga essa exigência, o programa que a UnB pede e eu vou organizar uns exercícios pra você aqui no escritório. Você faz e eu vou corrigir. E depois você vai prestar a prova. E ela fez isso, terminou o terceiro ano no Marista, prestou a prova e passou. E veio dela a ideia de organizar aqueles exercícios para que eu passasse a informação para os amigos dela que tinham perdido a prova ou que não tinham sido aprovados. Então surgiu aí o MS Desenhos, bom então vamos organizar este curso, já tínhamos o curso de desenho arquitetônico por módulos, mas esse da UnB. E eu peguei M de Melo (mãe da Beatriz, minha primeira esposa já falecida a 15 anos), pois bem, peguei o M de Melo que é dela e S de Santos que é meu sobrenome também e coloquei MS Desenhos e estamos aí a 26 anos com estes cursos. E ampliamos mais, além da habi-

lidade específica para o vestibular, hoje a gente tem autocad, revit, desenho a mão livre, desenho técnico, pintura digital. E dos 8 aos 80 anos a gente tem cursos lá.

### **Prof.<sup>a</sup> Carla Freitas - Então como foi a criação do nome MS Ayrton?**

MS Ayrton - Assim que eu fui terminando o curso de arquitetura, eu digo, olha tenho que arrumar um nome que fique fácil de ser gravado e .... Fazer os impressos, as notas fiscais...enfim. E vi que o nome Ayrton, mais Magalhães da minha mãe e Santos do meu pai era um nome longo, comprido para funcionar como arquiteto. Então peguei o M de Magalhães e o S de Santos pus na frente e Ayrton que é o arquiteto e em seguida a palavra arquiteto. E desse jeito eu requeri no CREA, na época e agora no CAU/ BR esse timbre de MS Ayrton arquiteto e assino assim. Meus projetos todos estão colocados assim desde o início. Porque se a gente já começa com o nome de batismo aí é difícil depois mudar, aí eu digo, não, eu vou começar já de uma forma mais sintética... E aí, Carla, que eu vejo que aqueles quatro anos que eu perdi antes de entrar para a arquitetura, para a faculdade me deram uma visão maior dentro do campo da arquitetura, como lidar com o cliente, lidar com os auxiliares, como lidar com a própria criação, quer dizer, eu como pessoa física tenho

que criar um projeto agora para atender a este programa e que prazo eu tenho que entregar, não posso deixar passar o prazo! Eu tenho que ter uma metodologia de trabalho para produzir o projeto. Então isto tudo eu tenho ao longo da vida já esquematizado para poder marcar uma data e apresentar corretamente, naquele horário e naquele tempo certo.

### **Prof.<sup>a</sup> Carla Freitas - Qual o seu conselho para os alunos de arquitetura?**

MS Ayrton - Em primeiro lugar, o aluno enquanto estudante de arquitetura tem que procurar estágios em escritórios. Porque o curso de arquitetura dá um leque grande de opções e na prática ele vê que o profissional tem que ser ou urbanista, ou arquiteto de edificações - que é o meu caso -, ou arquitetura de interiores, ou paisagismo. Isso dependendo da aptidão de cada um e também daquilo que ele viveu ou vivenciou nos estágios. Então, um estudante pode fazer um ano de estágio num local, outro ano em outro escritório com outro perfil e assim por diante. E no final do curso ele pode ver qual aquela área que ele mais se identificou, porque é impossível trabalhar em todos os leques, não é possível! Eu não posso ser arquiteto de interiores e ao mesmo tempo do edifício e ao mesmo tempo paisagismo e urbanismo... As ferramentas são diferentes.

O cliente é diferente, o perfil do cliente é diferente. O cliente para Urbanismo é diferente; é o governo, é o escritório de governo, serviço público, etc. O edifício você trata com empresas, com entidades, com organizações para construir, por exemplo, um hospital, um prédio comercial, uma fábrica. Arquitetura de interiores você tem que tratar com a madame, com a senhora, dona de casa, esposa do cliente e que quer os detalhes. Paisagismo, eu acho que tem que ter um vínculo com a parte de botânica, conhecer e gostar disso e interpretar. Então são áreas distintas, e aconselhando o jovem de hoje seria isso... Ele fazer estágios e fazer uma auto-análise daquilo onde ele pretende trabalhar. A profissão é rentável, ela dá uma satisfação imensa de se trabalhar nela. A gente trabalha em arquitetura quase que brincando, né. Sempre um estado otimista, a gente vê a coisa realizada, a gente guarda desde a primeira entrevista com o cliente até a inauguração, o cortar da fita, a gente lembra disso todo dia! É quase aquilo que se diz, toda pessoa tem que escrever um livro, ter um filho e plantar uma árvore, eu acho que substituo um desses por projetar um edifício, fazer um bom projeto de arquitetura e ver realizado compensa qualquer um desses três aí.



**Prof.<sup>a</sup> Carla Freitas - Como você enxerga o ensino do desenho no Brasil hoje?**

MS Ayrton - Na realidade o desenho... O arquiteto não se faz pelo desenho. Arquitetura é obra realizada. É algo em 3 dimensões fisicamente implantada. O desenho pode ser o desenho de um prédio, um desenho de um jardim, o desenho de um interior, mas ele só se torna obra de arquitetura quando é executado, não é! E o arquiteto é preparado na cabeça, ele se torna arquiteto na cabeça, não é através da mão ou do desenho que ele vai realizar. O desenho é uma mensagem que a gente passa gravada no papel para que outras pessoas possam executar aquilo que eu planejei, que eu criei, idealizei para atender um determinado programa, para um determinado cliente, e num determinado terreno e numa determinada época. E a época vai levar em consideração os processos construtivos, o local, a mão de obra disponível.... Então o arquiteto tem que fazer este jogo, criar na cabeça e passar através desta mensagem que se chama desenho. Desenho contém uma mensagem, desenha-se a mão, desenha-se no computador. Então a lembrança é essa, se o arquiteto se instrumentaliza neste instrumental disponível no momento ele vai ter condição de passar o que

ele imagina para terceiros, para o cliente, para a obra, para o orçamentista, para a compra de materiais. Mas o arquiteto tem que ser o coordenador, ele que cria, que faz nascer o projeto e tem que ser o coordenador de tudo, ele não pode criar um projeto, entregar e sair correndo pela porta dos fundos. Não pode! Ele tem que criar e coordenar este trabalho, porque se ele não coordenar outras pessoas virão e vão coordenar e vão modificar o projeto. Se ele é o pai da criança, ele tem que acompanhar tudo até o final. E aí é que às vezes o profissional perde a oportunidade de vender mais o seu trabalho, quer dizer, prestar mais esse serviço que o cliente está querendo. O arquiteto deve ter condição de dar apoio a esse cliente do começo ao fim, assim ele estará bem assessorado pelo arquiteto. Agora se o arquiteto não oferece sustentabilidade para prestar ao cliente tudo que ele precisa durante o processo da obra... No meu caso é só o desenho, entregar pra você e deixa eu ir embora ... O resto você resolve aí...isso é errado, eu acho que está errado! Os jovens de agora deveriam já ir pensando nisso, quer dizer assumir a responsabilidade de tudo, de fazer, de assessorar, de coordenar, e depois entregar aquela obra pronta. E aí valoriza o nosso trabalho também. Eu tenho lá na escola, e faço uma vez por mês, uma palestra para os jovens estudantes

de arquitetura ou que estão querendo entrar em arquitetura, porque tem sempre aquela dúvida, arquiteto ou engenheiro, como é que é isso? O arquiteto foi fazer arquitetura porque não era tão bom em matemática, e fica este tipo de deboche, né... E na realidade não é isso, nem tudo é feito só com matemática. Cada um tem a especialidade dele, o médico precisa saber muito para tratar da saúde, o piloto de avião internacional precisa saber muito de navegação aérea e talvez pouco de matemática. O engenheiro tem que saber muito de matemática para calcular estrutura do prédio projetado pelo arquiteto, mas o arquiteto tem que saber muito para compor, para criar em cima de um programa, em cima de um terreno complicado diante de normas e condicionantes que dominam aquela área, no caso de normas e gabaritos. Tem que saber se relacionar com os órgãos públicos para que o projeto seja aprovado, tem que saber se relacionar com o cliente, e existem diferentes tipos de clientes. Então o profissional tem que ser o mais completo para prestar este serviço tão bom que é a arquitetura.

**“Na realidade o desenho....  
O arquiteto não se faz pelo  
desenho. Arquitetura é obra  
realizada. É algo em 3 dimen-  
sões fisicamente implantada.”**

MS Ayrton